

11-02-2021

**O PROFESSOR E A ROSA****Ubiratan Francisco  
de Oliveira**[Educador Popular - Professor da Univers. Fed. Norte de Tocantins -  
Curso de Educação do Campo, Artes e Música de Tocantinópolis]

Há muito tenho pensado sobre os rumos que caminha a sociedade brasileira à beira do abismo. Mas pensando bem, já estamos no abismo. Caiamos de forma tão bruta que não sinto as pernas que me levariam para fora dele.

Estou aqui num sentimento de impotência. Torcendo para que não nos roube a esperança que tanto nos fez caminhar rumo ao “Sol-cialismo” - luz na vida da classe trabalhadora. Em meio ao vale da morte, vivemos, hoje uma barbárie com os mais de 220 mil mortos pela Pandemia - aliada política do Governo genocida de Bolsonaro; com a destruição das florestas, das águas da Amazônia, Pantanal e do Cerrado que abrigam e dão vida às comunidades tradicionais com sua diversidade riquíssima de fauna, flora e minérios; com o desmonte da ciência, da tecnologia e da pesquisa que alimentam de conhecimentos a educação e a saúde pública do país.

O capitalismo nos leva à barbárie e torna vida em mercadoria e esta, como tal, se torna obsoleta de acordo com o mercado. Em sua lógica tudo se compra e a vida se vende. A barbárie se materializa quando nós mesmos passamos a nos matar. A matar nossa própria classe quando apoiamos as medidas anti-combate à COVID e as mortes já não nos assustam tanto.

Quando o feminicídio de mulheres e o genocídio de jovens negros nos parecem “coisa natural” e chamamos de “vitimismo” a luta contra essa matança. A barbárie do capitalismo também se faz presente quando exigimos a entrega rápida da pizza em casa sem pensar nas mortes de entregadores no trânsito das cidades. Quando reclamamos do atendimento bancário sem pensar no número de trabalhadores adoecidos nos bancos para que o atendimento seja rápido. Quando se xinga a atendente de *Call Center* sem pensar nas síndromes adquiridas com o trabalho de atendente no Brasil. A barbárie se materializa quando defendemos o veneno do agronegócio como alternativa de uma agricultura que mata os povos do campo (camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, etc). Quando compramos alimentos produzidos pelo trabalho escravo. Quando o adicional de periculosidade não nos permite a lutar pelo fim da periculosidade por medo de perdê-lo e passar fome.

E, também por este mesmo medo de passar fome, a conquista de 30 horas na educação se torna motivo para ter dois contratos e trabalhar o dobro ao invés de se permitir trabalhar, estudar e descansar.

A barbárie se materializa nos cultos e missas de religiosos que fazem “arminha” para aqueles que “Jesus mandou amar”. A barbárie se materializa nos terreiros de Candomblés e Umbandas destruídos pela intolerância religiosa. Se materializa na xenofobia que agride e mata milhares de migrantes que arriscam uma vida melhor longe de suas origens. Em meio a este vale da morte (Brasil) sobrevivem jardins com rosas de esperanças que exalam cheiro de revolução. Em visita a um desses jardins uma Rosa me falou sobre “Socialismo ou Barbárie”.

Ela disse para não perdermos as esperanças e que a educação dos proletários não se faz apenas nos discursos, nos panfletos e brochuras, mas também na ação que existe contra a morte que nos cerca. Esta Rosa me levou a outros jardins e nesta viagem encontrei uma Margarida que me disse: “É melhor morrer na luta do que morrer de fome” e que fez sua semente se espalhar pelo Brasil e hoje se tornou milhões de “Margaridas” que marcham pela vida digna da classe trabalhadora no campo e na cidade. Abri um sorriso de esperança e voltei a sentir minhas pernas tão necessárias para sair do abismo. Comecei a caminhar e logo encontrei trabalhadores rurais sem terra vivendo em comunidades alternativas nos acampamentos em beira de estradas e assentamentos da reforma agrária pelo país.

A vida coletiva, a solidariedade e a esperança estampada nos olhos que brilham e nas mãos calejadas que plantam Rosas de Girassóis que exalam determinação, vontade de lutar e cheiro de vitória no ar. Continuei a viagem com a Rosa socialista e ela me levou às quebradeiras de coco babaçu do Bico do Papagaio, mulheres que lutam com sorriso no rosto e cantigas que saem do fundo do peito sobre suas vidas e conquistas no sertão.

Conheci uma “Margarida” chamada Raimunda. Ela me ensinou que uma liderança não pode ser como um pé de manga que não deixa nada crescer em sua volta, mas sim um babaçu que brota e ao mesmo tempo deixa espaço para mais vidas em sua volta. Conheci o movimento de agroecologia que reúne povos indígenas, quilombolas, camponeses, ribeirinhos, extrativistas na organização de um sistema de economia solidária que mata a fome e distribui renda de forma mais igualitária. Conheci um senhor que quando menino viveu sete anos de Socialismo Camponês em Trombas e Formoso junto com seu pai, sua mãe e José Profiro. A vida em solidariedade de classe, a vida que gera vida, que gera amor, que gera riqueza que não se acumula e sim, se socializa. A Rosa socialista ensinou ao professor que a ação daqueles e daquelas que resistem à barbárie é mais forte que a morte. Há um “Sol-cialismo” no fim do abismo. Caminhamos com esperanças força para lutar sempre. Como diz a canção de José Teixeira (Oração Latina): “*Somente a rosa e o punhal, somente o punhal e a Rosa poderão fazer a luz do Sol brilhar.*”

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*